

TOM PUGH

**A BIBLIOTECA
DOS LIVROS
PROIBIDOS**

Tradução de
Ana Mendes Lopes

alma
dos
livros

Nota do Autor

Há uma lenda que conta que os primeiros homens saíram do Paraíso por sua livre e espontânea vontade, porque queriam perseguir o conhecimento que lhes permitiria regressar um dia como semelhantes a Deus. A humanidade multiplicou-se, e esta tarefa sagrada foi confiada a uma casta de sacerdotes, que, sem terra nem rei, eram livres para seguir as correntes do poder e o seu perpétuo movimento. Foram encontrados restos de uma biblioteca que estes homens criaram na Babilónia, no Cairo e na ilha de Samos. Descrita, ao longo dos séculos, por nomes tão distintos como *Salão dos Arquivos*, a *Biblioteca de Sátiro* ou *Oráculo dos Mortos*, aparece nestas páginas sob o seu nome mais comum: a *Biblioteca do Diabo*.

Capítulo Um

ROMA, 23 DE ABRIL DE 1558

Roma. A cidade de Deus na Terra. Mathern Schoff abanou a cabeça com deslumbramento. Até à morte do pai, havia cinco semanas, nunca se afastara de Lubeque mais do que oitenta quilómetros.

Schoff perdera peso durante a viagem para o Sul e parecia um menino dentro das roupas de advogado. Tinha apenas vinte e um anos, mas suportara a solitária estrada e o comportamento brutal dos marinheiros sem se deter a pensar neles. Nos últimos doze anos, vivera uma mentira, partilhara o pão com os vizinhos, escondendo sempre o medo de que um deles conseguisse ver por trás da cansativa fachada que pusera. Agora, pela primeira vez na vida, encontrava-se no meio de homens que pensavam como ele e tinham a mesma fé.

Schoff apressou-se por entre as ruas apinhadas, desviando os olhos das barracas e tendas. Roma era uma cidade de ruínas, de praças antigas colonizadas por porcos que se alimentavam de carne podre, de mendigos que dormiam em camas de mármore estalado. Ignorou-os, mal olhando para a direita ou para a esquerda antes de chegar a São Pedro.

A grandiosa praça ecoava o som dos martelos dos pedreiros. A nova basílica ainda não estava acabada, mas já era mais

deslumbrante do que Schoff alguma vez imaginara. Enquanto olhava para o semblante dos homens vindos de todas as partes conhecidas do mundo, um sorriso iluminou-lhe o rosto. Teólogos, sacerdotes e peregrinos, notários, escribas e secretários, todos se dirigiam apressados em direção ao Vaticano. Uma guarnição da Guarda Suíça do papa passou com os seus fatos cor de laranja e azuis. A cúpula imensa erguia-se imponente sobre eles.

O coração de Schoff flutuou ao pensar nos homens que deixara em Lubeque. O papa Leão X convidara-os a contribuir para aquela gloriosa igreja. Os mercadores deviam ter caído de joelhos em sinal de gratidão. Em vez disso, os idiotas avarentos preferiram dar ouvidos a Lutero, *o Apóstata*, condenando assim as suas almas à tormenta eterna, e tudo por meia dúzia de tostões.

A grandiosa igreja continuava a erguer-se em direção ao céu, enquanto Martinho Lutero não passava de um monte de ossos numa caixa, pois a sua alma fora consignada às chamas do Inferno doze anos antes. Schoff estremeceu; tinha apenas dez anos quando o pai o obrigara a atravessar por entre a multidão que enchia a praça principal de Lubeque, o agarrara pelo colarinho e o obrigara a assistir ao sofrimento de um homem que encontrara o mesmo destino terrível.

As fogueiras mais pequenas são as mais cruéis. As chamas erguem-se com relutância, lambendo os dedos dos pés e os tornozelos.

– Anabatistas – dissera o pai com desdém enquanto apontava para os hereges que se contorciam, e segurando a cabeça de Schoff para que não desviasse os olhos. – São piores do que animais.

As memórias do medo deviam ser fugazes, mas Schoff ainda conseguia ver as chamas a erguerem-se da pira insuficiente, que ia acariciando a barriga das pernas e as coxas, as mãos e o tronco do homem. Continuava a sentir o fêdor horrível. Apenas um dos homens falara; um rapaz com o cabelo a dançar nas ondas de calor, que gritara para a multidão até os seus órgãos vitais se derreterem.

– Lembra-te disto – avisara o pai naquela noite. – Hoje, queimaram os anabatistas, mas podíamos ser nós. – Ergueu-se

sobre o filho, que estremecia. – Se alguma vez disseres uma palavra do que te vou contar, o teu destino será igual ao daquele jovem.

Quando a cidade se converteu à nova confissão de Lutero, o pai de Schoff manteve-se fiel à sua fé. Era um católico secreto, que educava o filho para sorrir aos luteranos, mas desprezando-os com todo o coração. Schoff descobriu que não havia causa maior do que a destruição das novas heresias e o derradeiro triunfo da única Igreja verdadeira.

Mathern Schoff atravessou o rio Tibre, caminhou para este ao longo de uma rua ladeada por casas construídas com restos de pedra desmoronada. A vista abria-se apenas uma vez para mostrar a imagem do histórico Panteão num dos lados e os portões altos do Bairro Sant’Angelo no outro.

A multidão aglomerava-se ainda mais em redor de um grupo de homens que levantava as lajes estaladas, atacando de seguida a terra firmemente comprimida com picaretas. Schoff parou junto de um mercador bem vestido e pediu-lhe indicações de como chegar ao Angelus. Falou em latim e recebeu uma resposta educada na mesma língua.

A universidade ficava num edifício austero. Schoff pôs uma expressão adequadamente séria. Antes de bater à porta, leu o lema esculpido na enorme ombreira de pedra: *Para contemplar e gerar os frutos da contemplação.*

A porta abriu-se agilmente.

– Mathern Schoff, para ver o mestre do Palácio Sagrado.

Um jovem monge conduziu-o através de um jardim muito bonito. Schoff olhou em redor com deslumbramento.

– Que árvores são estas?

– Laranjeiras e limoeiros – respondeu o monge, sorrindo.

– E temos pistácias, oliveiras, figueiras, palmeiras e loureiros.

– Apontou para a fonte desmoronada no centro do jardim. – Viu os homens que escavam na estrada? Estão a reconstruir um velho aqueduto do tempo dos Césares. Mais um ano, e esta velha pilha de pedra ganha nova vida.

O monge conduziu-o até um banco.

– O mestre está ocupado. É pouco provável que o receba ainda hoje.

– Claro! – Depois da caminhada pela cidade, Schoff sentiu que o banco estava fresco, recostou-se e fechou os olhos. Gregorio Spina era um dos homens mais importantes de Roma; de certeza que não teria tempo para o receber naquele dia. Sorriu quando se lembrou da forma como os vizinhos de Lubeque murmuravam quando mencionavam o nome de Spina: *O mestre do Palácio Sagrado tem espíões em todas as cidades da Europa. Incita, sem dar tréguas, o papa a queimar mais hereges e condena os evangélicos com castigos ainda mais fortes.*

Ninguém subira tão rapidamente a escada da Ordem Dominicana para se tornar no mestre do Palácio Sagrado. Spina era o teólogo particular do papa e chefe censor encarregado da Lista de Livros Proibidos do Vaticano, conhecida em latim por *Indices Librorum Prohibitorum*.

Chegou então outro monge, que gesticulou para que Schoff o seguisse até um enorme escritório. O jovem advogado nunca vira tantos livros reunidos num só sítio, encadernados com cores distintas, mas estranhamente uniformes no tamanho. Os livros encontravam-se empilhados no centro da sala, até à altura da cintura, e, nos cantos, chegavam ao teto. Schoff seguiu o seu guia por entre aquele labirinto e passou por uma série de prelados sentados em bancos. Cada um deles tinha uma pena na mão, sobre boiões de tinta vermelha.

– Por aqui – o tom de voz do homem surgiu abruptamente.
– O mestre vai recebê-lo agora.

O mestre? Schoff pestanejou; esperava ser recebido por um escriba, talvez um secretário. No centro da sala encontrava-se uma pequena secretária, com cadeiras em ambos os lados. Uma escada com rodas dava acesso a uma série de prateleiras elevadas, repletas de papéis. As janelas altas, decoradas com cortinas de seda fina, davam para um pátio privado.

Atrás da secretária, um homem observava Schoff, avaliando-o com olhar firme. Tinha cerca de cinquenta anos, a pele bronzeada

e era magro, com cabelo negro sedoso em volta da tonsura bem cortada. Gesticulou para a cadeira vazia; o diamante que usava no dedo a refletir a luz que entrava pelas janelas, enviando um raio brilhante que cortava a penumbra.

– Mathern Schoff, de Lubeque.

O jovem rapaz fez uma vénia.

– Mestre, o meu pai está morto. – O rosto de Spina permaneceu imperturbável. Schoff inspirou profundamente: – Estou aqui para pôr a minha vida nas suas mãos.

– Para que efeito?

Schoff hesitou. Os olhos de Spina eram da cor do mogno.

– Foi esta a última vontade do meu pai.

O mestre do Palácio Sagrado sorriu. O efeito era arrepiante.

– O teu pai não te contou nada sobre o trabalho que fazia para mim?

Schoff abanou a cabeça, entrelaçando os dedos para os manter quietos.

– Nunca te falou sobre Epicuro?

O defensor do prazer? Schoff franziu o sobrolho.

– O meu pai insistia que lesse Dante. Era frequente testar-me ao serão. Os epicuristas ocupam o sexto círculo do Inferno. São os primeiros a aparecer porque representam a derradeira heresia.

– *E aqui encontraremos o local onde Epicuro e os seus discípulos foram sepultados* – citou Spina, assentindo com a cabeça. – *Para quem a alma morre quando o corpo morre.* O teu pai estava a preparar-te para que continuasses o seu trabalho.

O mestre do Palácio Sagrado levantou-se. Schoff seguiu-o pelos claustros decorados com enormes frescos que retratavam o mundo: os navios ondulavam habilmente entre a Europa e a África, os monstros guardavam as Índias, mas não se via sinal das Américas.

Spina sentou-se ao lado da fonte silenciosa.

– Durante a sua vida, Epicuro escreveu cerca de trezentas obras discretas; a Igreja queimou-as, mas o Diabo, quando quer, consegue ser muito astuto. Um poeta chamado Lucrécio deixou escrito um relato sobre a filosofia do seu herói. Só um exemplar

sobreviveu, escondido num mosteiro alemão. Quando foi descoberto, no início do século passado, deu origem a uma *verdadeira praga*.

A boca de Spina comprimiu-se.

– Prefiro enfrentar uma dúzia de luteranos ou dez mil muçulmanos. O teu pai explicou-te a Cura de Quatro Partes de Epicuro? – Não esperou pela resposta. – *Não temas Deus. Não te preocupes com a morte. As coisas boas são fáceis de obter. As coisas más são fáceis de suportar.* As pessoas estão aterrorizadas, deves ter reparado nisso enquanto viajavas para sul, com tanta conversa sobre bruxas, com os objetos estranhos que surgem no céu noturno, com as queixas sobre a nova doença que destrói a carne das vítimas. Algumas dizem que ela vem do Novo Mundo; outras, que é um castigo enviado por Deus. A maior parte não crê que seja importante fazer esta distinção, a única coisa que as preocupa é saber se este mundo ainda é um local em que podem confiar ou não.

Só se ouvia a voz de Spina, que nunca aumentava de volume, mas que parecia impregnada de paixão. Schoff ficou com os cabelos da nuca arrepiados. Não entendia uma palavra do que Spina dizia; mas não queria fazer perguntas, com medo de quebrar o feitiço do momento.

– As pessoas têm medo – continuou o mestre do Palácio Sagrado. – São por isso presas fáceis para homens como Lutero, que pressentem o avanço rápido da História, mas que não têm capacidade para o entenderem. São profetas mesquinhos, com visões e perspetivas reduzidas sobre pestilência e sangue. A altura da batalha final aproxima-se, mas estes homens são padeiros, sapateiros, falsificadores de moedas; pessoas ignorantes, cujas jogadas e palavras alarmistas os colocam nas mãos do Anticristo.

Sob a luz do Sol, Schoff viu as rugas em redor dos olhos de Spina e desejou poder reconfortá-lo.

– Mas as reformas estabelecidas no Concílio de Trento... A criação do *Indices Librorum Prohibitorum*... – Sentiu o coração a bater mais depressa. – A expansão dos tribunais da Inquisição...

– São passos na direção certa – concordou Spina, levantando-se e olhando para baixo, para o visitante. – A redescoberta do

poema de Lucrécio não foi um acidente. São Paulo avisou que o Anticristo regressaria em tempos de grande agitação, inundando o mundo com a sua novidade, com ideias, objetos, conhecimento, e até com um novo continente, cegando os fiéis com os ignóbeis prazeres físicos de uma vida na Terra. Epicuro também era um monge dedicado ao prazer, que negava a imortalidade da alma.

Schoff obrigou-se a fitar os olhos de Spina.

– Por que motivo me conta estas coisas?

– Publicamente, o teu pai era um inimigo implacável de Roma, o que fez com que um grupo de hereges reparasse nele. Assim que regressares a Lubeque, eles vão contactar-te também e pedir-te que continues o trabalho do teu pai.

Schoff estremeceu.

– O meu pai não era espião.

– O teu pai pôs de parte a honra pessoal em nome de uma causa maior. – Spina deu meia volta nos calcanhares e começou a percorrer os claustros. Schoff apressou-se a acompanhá-lo, quase colidindo com o mestre quando este parou frente a uma porta fechada.

– Presumo que consegues guardar um segredo?

Schoff sentiu que a cor lhe aflorava o rosto.

– Passei a vida inteira rodeado de hereges e nunca revelei os meus verdadeiros sentimentos, nem por palavras nem por atos.

Os olhos de Spina enterraram-se nos seus.

– O Anticristo semeia a dúvida por entre os fiéis. Não me interpretes mal, meu amigo, nem subestimes a minha dedicação à causa de Deus, mas as fogueiras da Inquisição são uma defesa fraca contra os seus truques. Para derrotarmos o Diabo, temos de estudar as ações dos seus serventes. – Spina abriu a pesada porta de madeira e incitou Schoff a entrar.

Homens de hábitos negros encontravam-se sentados frente a mesas compridas, por entre uma vasta confusão de ferramentas de alquimia. Alambiques – aparelhos de destilação finamente forjados para separar os ingredientes ativos das matérias inertes – e aludéis que os reduziam a cinzas e pó. Taças de Hesse, retortas

e fornalhas. As paredes estavam forradas de vitrinas que exibiam plantas exóticas e conchas de animais marinhos, ossos e fósseis, todos adequadamente identificados. Era tudo extraordinariamente executado, dos tubos de cobre às taças de vidro, passando pelas caixas de madeira onde eram exibidos. Nenhum dos homens levantou os olhos do trabalho e eram poucos os que usavam as tonsuras próprias dos monges.

Spina leu os pensamentos de Schoff.

– Eles têm uma dispensa especial para usarem o cabelo como o dos leigos. Por vezes, é necessário movimentarem-se discretamente por entre os homens.

Conduziu Schoff ao longo da sala. A uma mesa comprida – com a superfície marcada e queimada por um milhar de experiências –, um monge enchia um grande recipiente de barro com serrim, enquanto outro polia uma fina folha de cobre.

– Estão a fazer uma experiência baseada num conjunto de textos indianos antigos – explicou Spina. – E aqui estão os brinquedos de Dionísio; uma serpente dourada, um falo, um ovo e um pão. Também recolhemos e investigamos os conhecimentos dos antigos. – A voz de Spina era como um quadro, plena de luz e cor. – Estamos em guerra. O nosso dever é combater o inimigo com todas as armas ao nosso dispor.

Enquanto seguia Spina para um pequeno pátio interior, Schoff ouvia o bater do coração. Não queria regressar à sua cidade cinzenta do mar Báltico.

– Permita-me ficar aqui, mestre. Juntar-me aos seus.

– O teu lugar é em Lubeque, a recolher informações sobre os Otiosi.

Schoff retraiu-se. O nome do grupo de hereges que Spina acabara de mencionar era por si só repugnante.

– Eles espalham a doutrina de Epicuro – continuou Spina. – O líder gosta de se fazer passar por um estudioso inofensivo, mas não te deixes enganar. Giacomo Vescosi é tanto um profeta do Apocalipse como Lutero.

– Claro que sim. – A voz de Schoff elevou-se. – Vescosi deve ser destruído.

– Para assim se tornar num mártir? – Spina abanou a cabeça.
– O Senhor é bom, Schoff; *Onde estiver o maior perigo, estará também o caminho para a salvação dos homens*. Sem o saberem, Vescosi e os Otiosi servem o nosso propósito, enviando mercenários em busca de manuscritos antigos, que estudam à procura de referências à Biblioteca do Diabo. Como nós, também eles querem descobrir o segredo da sua localização.

O olhar fixo de Spina parecia penetrar na alma de Schoff.

– São milhares e milhares de textos hereges; um pântano de mentiras e de erros. São pergaminhos que pertencem à Biblioteca do Vaticano, para que possam ser estudados por homens treinados contra as suas armas de sedução; se isso se provar impossível, então devem ser destruídos.

– Mas no meio do lodo, como um diamante no centro do coração negro do Diabo, Deus guardou um tesouro, uma arma para derrotar o Anticristo e enviar as suas hordas de regresso ao Inferno. Este tesouro é um livro que se inclui entre os inúmeros volumes da Biblioteca do Diabo e que nos pode ensinar como libertar a alma do corpo, para que possamos mover-nos livremente no meio dos anjos que nos rodeiam como um rio oculto. Este mundo é uma ilusão, Schoff, conjurada por Satanás para nos impedir de chegar ao Paraíso. O livro de que te falo derrotará todas as suas mentiras. Vai munir-nos do poder para refazer o mundo como Deus quis que ele fosse e nenhum homem voltará a duvidar dele!

Spina beijou as faces de Schoff. Os seus olhos negros brilharam à luz da tarde.

– Regressa a casa, Mathern Schoff, de Lubeque. Denuncia a verdadeira Igreja. Cospe na eucaristia, se a isso te obrigarem, e reza todas as noites para que tenhamos notícias da Biblioteca do Diabo.

Capítulo Dois

AMESTERDÃO, 21 DE AGOSTO DE 1561

Matthew Longstaff ouviu passos nas escadas, que se aproximavam do seu quarto nas águas-furtadas da pensão modesta onde vivia. Permaneceu à janela, com os olhos azuis cristalinos a perscrutar as torres quadradas de Amesterdão iluminadas pela luz do entardecer. Tinha trinta e cinco anos e uma constituição robusta, desenvolvida durante os dez anos em que fora soldado no Sul – era um trabalho brutal, mas havia poucos trabalhos acessíveis a um homem sem terra nem pátria.

O visitante bateu à porta – três batidas rápidas. Por força do hábito, Longstaff andava sempre armado – punhal na bota esquerda, uma faca pequena presa ao interior do antebraço e uma adaga por baixo do colete de couro, mas não esperava encontrar problemas.

– Pode entrar.

A porta não estava trancada. O homem que entrou devia ter cerca de cinquenta anos e vinha ofegante depois de subir tantos lanços de escadas. Usava túnica preta e abanou-se com o chapéu de aba larga. Longstaff sorriu. Conhecia o mercador holandês Quist há três anos e gostava dele.

– Que bom vê-lo novamente, Meneer.

Quist ajustou as abas do casaco preto comprido e sentou-se pesadamente na cama de Longstaff. As molas do colchão estavam velhas e este afundou-se sob o seu peso.

– Senhor me valha – gritou, deixando-se cair para trás.

Longstaff estendeu uma mão e soltou uma gargalhada enquanto ajudava Quist a recuperar o equilíbrio.

– Tem uma missão para mim?

– Mais um livro, meu amigo. Desta vez é um grego, escrito em pergaminho de qualidade mediana e encadernado em couro vermelho com incrustações de metal. Conhece grego?

– Conheço as letras.

– Ótimo. – O rosto de Quist era enrugado, mas os seus olhos brilharam enquanto procurou na túnica um pedaço de papel.

– O livro que queremos é uma cópia feita no século treze de um manuscrito de Aristarco; *Sobre os Planetas, as Suas Características e as Órbitas que Descrevem em Volta do Sol*.

Longstaff permaneceu em silêncio. A avaliar pelo título, era um livro de astronomia – talvez esperassem encontrar provas que apoiassem as teorias do admirador de estrelas polaco, Copérnico.

– E onde está?

Quist abriu o papel em cima da cama para revelar a planta de um grande edifício. Longstaff contou pelo menos duas dúzias de divisões.

– Estamos a olhar para o piso de cima – disse Quist, pondo a ponta do dedo num par de divisões sem janelas mesmo no centro da planta. – O livro está aqui.

Não era habitual Quist dedicar-se àquele tipo de jogos. Tanto quanto Longstaff sabia, o mercador era membro de um amplo grupo de antiquários, amadores abastados com o desejo excêntrico de preservar os últimos resquícios do passado.

– Que edifício é este?

– Antes de Constantinopla ser tomada pelos turcos, há mais de um século, existia aí a mais grandiosa biblioteca do mundo...

– Constantinopla?

O holandês abanou a cabeça.

– O imperador Paleólogo resistiu bravamente. Antes de ser morto no fim de um cerco de sete semanas, tornou possível a fuga de muitos dos seus súbditos. A sua sobrinha fugiu levando consigo várias centenas de livros.

– Várias centenas? Deve ter sido uma mulher bastante corajosa.

– Sophia Paleologina era uma mulher extraordinária – respondeu Quist. – A sua recompensa foi o casamento com Ivan III, mediado pelo papa Paulo III, na tentativa de unificar a Igreja Católica e a Ortodoxa. Quando foi para Moscovo, Sophia levou os livros. Hoje em dia, fazem parte do coração da biblioteca do neto.

Longstaff soltou uma pequena gargalhada.

– Moscovo? Não está bom da cabeça, certamente.

– Oferecemos-lhe uma recompensa substancial.

Longstaff gesticulou para o mapa desenhado à mão.

– Que edifício é este?

– É o Palácio Terem, onde a família real tem os aposentos. Sabemos a localização exata do livro em questão...

– É uma missão suicida. – Com um dedo, Longstaff delineou o contorno do desenho. – O Palácio Terem situa-se no interior de uma cidadela. Há trezentos anos que os russos andam a construir aquelas muralhas.

– Já demonstrou uma grande desenvoltura no passado, Longstaff.

– Não estou a tentar negociar consigo, Quist. Não vou aceitar a sua proposta.

O holandês encaminhou-se para a janela.

– Dá-me pelo menos uma última oportunidade para o fazer mudar de ideias?

– Está a desperdiçar o seu tempo.

Quist levantou uma mão.

– Nunca fala sobre o seu passado, Meneer Longstaff, mas não foi difícil descobrir alguns factos. Ganhou uma grande reputação ao lutar com Il Medeghino no Sul.

– Já não sou soldado. – A voz de Longstaff assumiu um tom duro. Não queria que lhe recordassem os anos que passara em Itália.

– Também pouco mais é.

Ouviram-se passos nas escadas. Longstaff desembainhou a faca que tinha na manga.

– Mas o que é isto?

A porta abriu-se de rompante. Dois homens posicionaram-se à entrada. O primeiro movimentava-se como um soldado, e Longstaff levantou a faca.

– Não há necessidade de recorrermos a armas. – O segundo homem envergava roupas finas, um gibão azul-forte. Não era bonito, com olhos demasiado pequenos, nariz demasiado plano, boca demasiado larga, mas tinha uma postura de autoridade inconfundível.

– Matthew Longstaff – disse Quist. – Permita-me que lhe apresente Sir Nicholas Bacon.

O recém-chegado virou-se para o guarda-costas:

– Espera lá fora. Vem apenas se te chamar. – Olhou com dureza para Longstaff antes de gesticular na direção da janela. – Está de frente para as docas. Foi deliberado da sua parte, ou mero acaso?

Um inglês? Longstaff baixou a faca. Teriam descoberto assim tanto acerca do seu passado?

– É um desperdício terrível – continuou Sir Nicholas – um homem com os seus talentos trabalhar como ladrão.

Longstaff deu um passo em frente. Normalmente, as pessoas eram mais circunspectas quando se encontravam na sua presença.

– A forma como ganho a vida não lhe diz respeito.

– Deve ter ficado de coração destroçado quando foi exilado da Inglaterra em tão tenra idade e abandonado na casa de um comerciante de arenques de Lubeque.

Não era possível. Longstaff virou-se e fitou Quist.

– Não olhe para ele, senhor. Olhe para mim, que vim de longe para lhe fazer esta proposta. – Sir Nicholas manteve-se de pé com as mãos na anca. – O que arriscaria para poder voltar a usar o nome do seu pai e caminhar pelas terras que lhe pertenceram como o seu verdadeiro dono?

Voltar a usar o nome do pai? Outrora, Sir William Longstaff tivera uma propriedade em Martlesham, em Suffolk. Longstaff

não a via desde os nove anos. Tudo o que restava do único lugar a que chamara casa eram as memórias: os relvados verdes e a pequena sala onde o pai costumava passar os serões. Sir William era um viajante aficionado e entrara em contacto com o credo de Lutero numa viagem ao continente. Longstaff ainda se lembrava dos homens que tinham chegado a Martlesham para construir uma prensa. Eram quatro, e gritavam e conversavam animadamente numa língua que ele não entendia. Pouco tempo depois, começaram a aparecer panfletos nas ruas de Ipswich, Bury St. Edmunds, Cambridge e, finalmente, em Londres, altura em que chamaram a atenção do rei. Henrique VIII condenou Sir William ao cadafalso, confiscou a sua propriedade e baniou o filho do país.

– Para mim não há regresso possível – disse Longstaff com brusquidão.

Sir Nicholas riu-se.

– Eu sou o lorde guardião do Grandioso Selo de Inglaterra, Longstaff. Dê-me um ano da sua vida e tornarei o seu regresso a casa possível, com a bênção da rainha Isabel, para que o fantasma do seu pai possa finalmente descansar em paz.

Longstaff fitou Quist.

– Com que então um pequeno grupo de estudiosos e letrados?

– O que procuramos é um prémio grandioso, meu bom amigo. Dos que nos trazem poderosos amigos.

Longstaff não reparou na ligeira hesitação da voz do holandês, quando podia ter completado a frase com «... e inimigos». Estava demasiado ocupado a recordar as últimas horas que passara na casa de Suffolk. Naquele dia, o pai tinha ido a Cambridge, e Longstaff não sentiu outra coisa que não uma tremenda excitação quando viu que se aproximava um grupo de homens do rei.

À frente do grupo ia um dos amigos mais antigos do pai; um homem bem constituído chamado Jarrel, com a barba primorosamente aparada e um dente torto. Longstaff correu na sua direcção, à espera de ser agarrado por baixo dos braços e atirado ao ar

como brincadeira. Em vez disso, foi agarrado por um soldado, que o segurou enquanto Jarrel dirigia o resto dos homens para as pilhas de panfletos depositados na cave e para os estábulos, onde se guardava a prensa. Minutos depois, Longstaff e os criados estavam encostados à parede do grande salão, e Jarrel caminhava de um lado para o outro à frente deles.

– Por ordem do rei, esta propriedade é agora minha. Espero que me achem um patrão misericordioso. Não há motivo pelo qual o serviço inocente que prestaram a um traidor venha a arruinar as vossas perspectivas de um futuro seguro...

O único que se debateu foi Longstaff, com as mãos em forma de garras, apontadas aos olhos do homem. Jarrel derrubou-o ao chão com facilidade.

– És tão tolo como o teu pai.

O mapa de Quist do Palácio Terem estava em cima da colcha amarrotada da cama. Longstaff fitou o desenho bem feito sem o ver verdadeiramente, já que os olhos da sua mente estavam focados noutra tempo e lugar; o pai a irromper por entre as portas pesadas de Martlesham, com a espada na mão e uma máscara de medo e fúria sobre o rosto.

Do outro lado da sala, Longstaff olhou para o pai; o menino encontrava-se bem preso nos braços de Jarrel, com a cabeça dolorosamente puxada para um dos lados e uma faca encostada à garganta. Sir William fraquejou a meio do caminho – e o amigo de longa data soltou uma gargalhada. Jarrel falou e Longstaff sentiu a lâmina da faca a comprimir-se contra a pele suave da sua garganta.

– Uma confissão assinada por ti, ou o rapaz morre.

Quist sentou-se na beira da cama. Sir Nicholas mexeu-se com impaciência junto à janela. Longstaff ainda podia recusar a oferta de ambos. *E depois, o que faria?* A Inglaterra continuaria fechada para si. Iria perder o mecenato de Quist. Podia voltar a ser soldado ou dedicar-se de vez à ladroagem, encontrar trabalho como professor de esgrima de um principelho qualquer – cada nova opção era pior do que a anterior. Longstaff abanou a cabeça, e o mapa de

Quist começou lentamente a ganhar nitidez à frente dos seus olhos.

O mercador holandês apontara para duas câmaras conjuntas.

– Que divisões são estas?

Quist sorriu.

– O quarto de vestir e a biblioteca de Ivan, mas é raro o czar entrar nelas. Estão quase sempre vazias.